

## **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA: VIVÊNCIAS DE PROCESSOS EDUCATIVOS NO ÂMBITO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

**Nelsânia Batista da Silva**

Universidade Estadual da Paraíba/UEPB)  
nelsaniabatista@gmail.com

**Luciélío Marinho da Costa**

Universidade Federal da Paraíba/UFPB  
leomarinhosufpb@gmail.com

*Fecha de Recepción: 22 Enero 2019*

*Fecha de Admisión: 30 Abril 2019*

### **RESUMO**

Nesta pesquisa analisaram-se os processos educativos presentes em vivências da Extensão Universitária, no âmbito do Departamento de Educação do *Campus I*, da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB/Brasil, com ênfase na práxis desenvolvida junto à comunidade escolar, a partir de um projeto de extensão, intitulado “educação popular como mobilização da cultura de emancipação humana”. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa em educação, com perspectiva participante, considerando as vivências e os saberes sistematizados, através da pesquisa desenvolvida no âmbito dessas vivências. Realizaram-se rodas de conversa, construção coletiva de atividades educativas e levantamento das questões significativas. A pesquisa teve como base conceitual a Psicologia Histórico-Cultural e a Educação Popular. Verifica-se que a abertura para a convivência e a participação no planejamento das atividades educativas amplia possibilidades, entre as quais, de diálogo, de criatividade, de reconhecimento de si e do outro, na construção da realidade. Compreende-se que a vivência, assim como a apropriação teórica, articulada à práxis, é imprescindível na construção de um processo de formação de sujeitos, na perspectiva de uma cultura emancipatória. Diante dos desafios de convivência que a sociedade contemporânea apresenta é estratégico criar possibilidades de convivência e solidariedade entre as pessoas.

**Palavras-chave:** educação; extensão universitária; emancipação

### **ABSTRACT**

**Education and Human Emancipation: experiences of educational processes in the scope of university extension.** In this research, we analyzed the educational processes present in experiences of the University Extension in the scope of the Education Department of the State University of

Paraíba/UEPB, Campus I, with emphasis on the praxis developed with the school community from the project of extension called Popular Education as mobilization of human emancipation. It is a qualitative research, with a participant perspective, considering the experiences and knowledge systematized through the scientific research developed within the framework of these experiences of reality. Conversation wheels, collective construction of educational activities and survey of the most significant issues were held. The research was based on Historical-cultural Psychology and Popular Education. It was verified that the openness to the coexistence and participation in the planning of educational activities extends possibilities, among them, of dialogue, creativity, recognition of oneself and the other in the construction of reality. Thus, it is understood that the experience, as well as the theoretical appropriation articulated through praxis, is essential in the effective construction of a process of formation of subjects in the perspective of an emancipatory culture. And, before the challenges of coexistence that contemporary society presents, it is strategic to create possibilities of coexistence and human solidarity between individuals and community; for this, education becomes equally essential.

**Keywords:** education; university extension; emancipation

## **INTRODUÇÃO**

A organização da sociedade contemporânea carrega as marcas desenvolvidas ao longo da história da humanidade, entretanto, o momento atual apresenta uma especificidade nunca vista anteriormente, ou seja, uma velocidade estonteante, através da qual passa por cima de conquistas, direitos, artefatos culturais, ambientais, tendo como desdobramento desastres ambientais que devastam a vida de determinadas comunidades, a fome, o empobrecimento, a violência, as guerras, a questão da imigração, a questão do trabalho, problemas estruturais e tantos outros que contribuem para uma desagregação da sociedade que alarga o distanciamento social, econômico, traduzindo-se em desigualdades e injustiças sociais.

A dominação e os condicionamentos sociais ganharam novos formatos e força, através de um aparato científico tecnológico tal como a dominação na contemporaneidade apresenta, além da velocidade, um alargamento espacial que atinge níveis globais, sem, necessariamente, usar a força. Essa dominação não seria tão eficaz se não tivesse agido de diferentes formas, frente às subjetividades humanas. Sendo assim, a compreensão das problemáticas e contradições que ocorrem no universo da escola passam, necessariamente, pela compreensão da sociedade, das relações sociais, condicionadas/marcadas pela espacialidade, pela cor, pela classe social, pelo acesso à cultura.

O acesso à cultura elaborada historicamente não se apresenta de forma disponível, equitativa e democrática, segue um diferencial que envolve o “local”, o social, sendo determinante o local que o sujeito ocupa em dada sociedade. A educação disponível na sociedade brasileira não apresenta as mesmas possibilidades de acesso. A presente reflexão busca evidenciar pistas para uma educação emancipatória, a partir da práxis desenvolvida na experiência da extensão universitária.

A pesquisa em extensão universitária pode apontar pistas e proposições para a possibilidade de uma educação transformadora e emancipatória. Indagamos se a universidade, através da extensão, pode produzir um conhecimento no campo da educação que sirva para melhorar a perspectiva da educação na contemporaneidade.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no contexto da extensão universitária, com um caráter participante, considerando vivências e os saberes sistematizados por meio da pesquisa científica desenvolvida no âmbito dessas vivências. A análise ocorreu a partir das reuniões, rodas de conversa, construção coletiva de atividades educativas e levantamento das questões significati-

vas, que se desencadearam em categorias presentes no percurso de desenvolvimento do projeto e de pesquisas desenvolvidas, a partir das ações de extensão.

A educação institucionalizada na escola apresenta um currículo, fundamental para apropriação da cultura elaborada; entretanto, isso pode ser um limite que impede a abertura a outros conhecimentos importantes para a humanização de forma emancipatória. Nesse sentido, um trabalho na escola, como o caso da extensão, vai ser sempre algo desafiador, visto que interfere na dinâmica em curso, apresentando resistências que precisam ser superadas para que o trabalho coletivo seja desenvolvido.

E na atividade de extensão em análise verifica-se como fundamental o apoio e participação da gestão no processo de planejamento e realização do trabalho. Entretanto, a abertura à realização de trabalho para além da universidade vai ser sempre algo que exige um certo enfrentamento diante das realidades encontradas, seja na escola ou fora dela.

O homem é por essência um ser inacabado (FREIRE, 2011; PINTO, 2010) e como tal precisa desenvolver as possibilidades humanas para atender às necessidades e, neste sentido, a educação cumpre um papel primordial na formação da humanidade, da sociedade. Para Pinto (2010, p. 116), “a condição para este constante aperfeiçoamento do educador não é somente a sensibilidade aos estímulos intelectuais, mas é sobretudo a consciência de sua natureza inconclusa como sabedor”.

Esse reconhecimento interfere na relação que estabelece junto aos alunos, tendo em vista que essa consciência sendo compartilhada amplia a compreensão de que a natureza humana não está determinada, mas que necessita do outro, ou seja, da cultura, do mundo. Conforme Freire (1987) a práxis educativa deve ter como princípio uma concepção dialógica, em que se faz imprescindível a expressão através da palavra que é práxis, ação-reflexão-ação, exige pensamento e ação no sentido de transformação. Nesse sentido, teria uma relação entre teoria e prática, que buscam aproximação.

De acordo com a concepção de Vigotski (2014, p. 7), “a capacidade de elaboração e construção a partir de elementos, de fazer novas combinações com elementos conhecidos, constitui o fundamento do processo criativo”. Isso significa que a criatividade não surge como algo totalmente desvinculado da realidade, visto que carrega consigo elementos já existentes na realidade.

Concebe-se a ideia de que a disponibilidade de acesso à vivência cultural possibilita a ampliação da imaginação, podendo desencadear processos criativos em que se possa exercer a expressão humana mediada por meio da Educação. A Educação, sendo ela própria uma expressão da cultura, pode exercer um papel fundante no processo de constituição da subjetividade humana, quando se vincula à cultura, em suas mais profundas expressões, contidas no inserir de um povo e presente na constituição histórica da humanidade.

Para Saviani (2017, p. 662) aqueles que defendem a teoria histórico-cultural da formação humana, “explicitando teoricamente o modo como os sujeitos são produzidos histórica e socialmente, destacam a importância da relação pedagógica construindo uma psicologia educacional e escolar que evidencia o papel estratégico da educação e da escola no desenvolvimento do psiquismo humano”.

Para Vigotski (2014, p. 12), “quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será o material disponível para sua imaginação”. A imaginação se constitui a partir da disponibilidade a uma diversidade de realidade acessível ao sujeito, seja concreta ou abstrata ou constituída na cultura material ou imaterial, frente às questões teóricas ou materiais, desde que possibilite passar por ideias/pensamentos/subjetivações), inerentes aos humanos.

Para Vigotski (2009, p. 479), “o próprio pensamento não nasce de outro pensamento, mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrande os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma

tendência afetiva e volitiva”. Nessa perspectiva, a palavra foi uma criação cultural que a consciência humana encontra para expressar seus pensamentos, numa tentativa de traduzir aquilo que se encontra interiorizado e se materializou em palavras.

Considerando o exposto, compreende-se que as relações estabelecidas no contexto da extensão universitária abrem um espaço que possibilita a reflexão das teorias, podendo relacionar com a prática efetiva da formação universitária. Não só por meio das abordagens teóricas, mas podendo fazer uma reflexão quanto à sua conexão em termos de reflexão da realidade posta. Dessa forma, compreende-se que a cultura é imprescindível na formação social humana.

Segundo Silva (2016, p. 85), “é no cenário de agravamento dos problemas gerados pela lógica de sociedade alimentada pelo neoliberalismo, cultuando princípios individualistas, competitivos, consumistas, em que tudo pode ser descartável, inclusive as pessoas e as relações afetivas, é que se evidencia a necessidade de alimentar outros princípios que coloquem a pessoa humana como prioridade”. E evidentemente, também, todas as formas de vida, sejam animais, plantas, enfim, a natureza e a sustentabilidade ambiental em sua totalidade.

Esse vínculo com a realidade faz uma conexão com a construção do pensamento do estudante em processo de formação, da prática dos professores, assim como cria uma relação de diálogo com as pessoas envolvidas, do mundo não só do abstrato, mas da realidade cotidiana da educação, seja ela no espaço da escola ou em outras instâncias, possibilitando a construção de movimentos de transformações possíveis, como exemplo, a luta por espaços em que possam se constituir bibliotecas vivas, com a intencionalidade de mobilização da cultura, assim como um espaço para o diálogo. Compreende-se que criar espaços de mobilização, em que possam ocorrer a apropriação, a criação, reinvenção e mobilização de uma diversidade cultural se faz imprescindível para o desenvolvimento humano em si, assim como para o desenvolvimento da sociedade.

A ideia de emancipação presente neste trabalho refere-se à categoria na perspectiva freireana, que envolve relações educativas horizontalizadas, nas quais a expressão do protagonismo da educação possa ser exercida e experienciada por todos os envolvidos nos processos educativos, para além dos limites estabelecidos pelo sistema escolar. Ou seja, qualquer ser tem a possibilidade de exercer a autonomia da própria aprendizagem, entretanto, amplia-se na relação com o outro. Essa práxis educativa problematizadora, dialógica e emancipatória, proposta por Paulo Freire, é denominada de Educação Popular e está na base da investigação em análise neste trabalho de pesquisa referente à extensão universitária.

A concepção dominante ao longo da história da educação parte da ideia de que a aprendizagem e o desenvolvimento humano dependem diretamente do intelecto. Entretanto, esse pensamento se equivoca ao “negligenciar”/deixar de fora/ou desconsiderar a multiplicidade de questões que envolvem a formação da subjetividade humana, em especial a emoção/afetividade/sentimentos.

A extensão gera relações, sendo estas responsáveis por um trabalho da universidade para e com a sociedade; no caso desta atividade em análise, apresenta uma metodologia participativa, possibilitando a produção e compartilhamento de saberes que promovem dimensões educativas entre os sujeitos envolvidos no processo.

Vivências e reflexões através de rodas de conversa. Os estudantes destacam que foi a partir da extensão que passaram a se sentir profissionais, educadores. Outra questão levantada nos grupos de discussão é que a extensão interfere na forma de atuação dos futuros profissionais.

A educação passa por dimensões para além das racionalidades, sendo as emoções presentes no percurso de formação humana, seja no que se refere aos limites, seja os avanços do desenvolvimento de potencial, das possibilidades de ir além. Para Freire (1987), o ser humano tem vocação

ontológica para ser mais, mas a realidade histórica pode ser um impedimento e pode levar a um ser menos. Há uma dialeticidade, ser mais ou ser menos como possibilidades históricas e sociais, as quais apresentam limites e potencialidades: humanização, desumanização estaria como possibilidades, que a realidade poderia proporcionar.

A desumanização aparece, não de forma naturalizada, mas como realidade historicamente construída. O papel da educação estaria em instigar a elucidação dessas possibilidades para além dos condicionantes no intuito da humanização, da autonomia e da emancipação humana. Seria uma espécie de evidenciar as contradições que impedem o sujeito de sua libertação, para além dos condicionantes sociais, na busca da apropriação da cultura socialmente produzida, da criação e reinvenção da vida.

O nosso intuito é continuar investigando pistas possíveis que possam subsidiar uma educação transformadora dos humanos em relação a si, em todas as formas de vida e do ambiente.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a ideia de que as nossas subjetividades estão em permanente movimento de constituição histórica, a cultura concebida em determinado tempo histórico se enraíza na psiquê humana sem que o sujeito racionalize de forma explícita a sua designação entranhada no pensamento, nas ações, aparecendo, de forma implícita e explícita, numa dada sociedade.

De acordo com o pensamento de Vigotski (2009, p.15), “[...] todo processo de aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que ativa numerosos processos, que não poderiam desenvolver-se por si mesmos sem aprendizagem”. Entende-se que a disponibilidade da vivência de processos educativos envolve a aprendizagem, que pode elevar o desenvolvimento do sujeito, que não ocorreria na ausência dessas experiências (práxis) educativas.

A extensão universitária se constitui como uma atividade acadêmica desenvolvida junto e com a sociedade, realizada por professores, funcionários e estudantes, com o intuito de que os saberes promovidos no âmbito da academia possam ser alargados, para além do seu espaço. Nesse sentido, a universidade se aproxima da sociedade e cumpre um papel social de se voltar para atender às demandas postas pelos sujeitos.

Esse trabalho atende a um princípio de “mão dupla”, uma vez que ganha a sociedade, que dispõe do trabalho universitário na comunidade e ganha a universidade que, ao realizar a atividade acadêmica, proporciona uma vivência prática de aprendizagem em uma determinada realidade.

A extensão denomina-se como um dos pilares essenciais de constituição da Universidade, que envolve uma articulação intrínseca, indispensável para formação acadêmica, que se configura em três pilares: ensino, pesquisa e extensão, imprescindíveis para que a instituição de ensino superior se torne universidade. A extensão universitária seria uma espécie de retorno à sociedade que, para Severino (2007), deveria envolver projetos de longo alcance social, envolvendo as universidades, que não tivessem um caráter compensatório, nem assistencial.

Através da extensão universitária ocorre um contato com a sociedade, por meio de um diálogo com os saberes construídos no cotidiano dos mais diversos espaços sociais, com intuito de produção de conhecimento, com perspectiva de atender às demandas da realidade, no desenvolvimento social, ambiental, econômico, político, cultural, subjetivo. Entretanto, esse campo apresenta contradições inerentes à sociedade, visto que pode ser que ela se torne apenas uma via de mão única, que realize o trabalho, sem promover o diálogo com a comunidade e, assim, constituindo-se em um exercício que atende à comunidade, numa perspectiva assistencialista, havendo a execução da atividade, mas não é trabalhado a relação entre o encontro de saberes diferentes: universidade, sociedade/comunidade.

De acordo Melo Neto (2012) há uma especificidade de uma extensão denominada de Extensão Popular que apresenta a intencionalidade de realizar trabalhos voltados para as demandas das “classes populares” daqueles que mais precisam. A intenção é a construção de um trabalho social útil que tenha como princípios éticos o diálogo e a promoção do outro.

Por meio do projeto de extensão, numa perspectiva da Educação Popular, é possível potencializar possibilidades de elaboração coletiva das atividades, de forma que todas as pessoas possam dizer a palavra, exercer e construir uma práxis coletiva, implicando que todos (as) são responsáveis pela construção das atividades, mesmo que, em dado momento, seja exercida por determinadas pessoas, há uma responsabilidade compartilhada. Entretanto, esse “processo” não é linear, mas envolve tensões, conflitos, interesses individuais e coletivos, que não se apresentam de forma homogênea.

De acordo com a teoria de Vigotski (2009), o desenvolvimento humano não se apresenta de forma fixa e linear, pré-determinado. Apresenta implicações ligadas ao universo de aprendizagens vivenciadas pelos sujeitos envolvidos que se expressam através da compreensão do mundo, pela consciência da experiência cultural vivida. Esta pode ser representada em palavras conscientes, vinculadas à realidade. Para Freire (1987), a educação não trata de algo fixo, estático, “palavra morta”, sem sentido, mas conhecimento vivo, sendo relacionado com a realidade, com propósitos de consciência.

De acordo com Vigotski (2009, p. 485), “procuramos estudar a relação da palavra com o objeto, com a realidade”. Isto remete a uma educação por meio de uma multiplicidade de dimensões que afetam o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos na realidade. A educação deve se ocupar com a compreensão da realidade, com a vida, com a capacidade de refletir, pensar o mundo.

Nesse sentido, Freire (1987, p. 67) propõe uma educação consciente e libertária que “não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens na sua relação com o mundo”. Há uma aproximação na compreensão de educação intrínseca na concepção do citado autor. Compreende-se uma relação com o mundo, uma educação que parte da realidade para uma ampliação do universo da cultura, seja popular ou científica.

## **ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA**

A metodologia do projeto de extensão envolveu a mobilização de estudantes de graduação da Universidade Estadual da Paraíba, em um processo de construção participativa, através de rodas de conversa referente ao tema em debate, considerando as demandas da realidade e os fundamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica e a Educação Popular. O projeto surgiu a partir de provocações de professores/as e pessoas da comunidade, pontuando sobre a necessidade de pensar proposições no âmbito da educação/cultura.

O projeto teve início no ano 2015, permanecendo até o presente momento (2019), tendo como foco prioritário, a formação de educadores, educadoras, estudantes de escolas públicas e instituições não formais, no estado da Paraíba/Brasil. As vivências mais significativas ocorreram nos municípios de Campina Grande, Remígio, Soledade e Pocinhos. A formação dos estudantes de graduação que participaram/participam do projeto de extensão ocorreu no *Campus I* da Universidade Estadual da Paraíba, sediado na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba/Brasil, através da apropriação e reflexão da práxis, de forma contínua, considerando a criticidade e a indissociabilidade entre teoria e prática reflexiva dialógica.

De acordo com a metodologia da extensão universitária adotada, devem ser consideradas três dimensões: criticidade, reflexão e emancipação. As ações do projeto foram desenvolvidas envolvendo professores e estudantes de graduação do ensino superior e estudantes e professores da

educação básica, em escolas públicas, em espaços escolares e não escolares, com a perspectiva de ampliar a práxis educativa no processo de apropriação cultural, criando possibilidades de acesso à cultura através de vivências pautadas em uma perspectiva dialógica.

Do trabalho junto à comunidade destacamos o planejamento realizado de forma participativa coletiva, partindo-se da realidade, com proposições coletivas que se desencadearam em objetivações reais, entre as quais: realização de reuniões, eventos, rodas conversa, oficinas, palestras, intercâmbios, visitas. Versaram em torno de temáticas, entre as quais destacamos: agroecologia, contação de história, cultura, educação popular, biblioteca viva, círculo de cultura e círculos de leitura.

Essas atividades ocorreram, envolvendo contação de história, leitura, elaborações de livros infantis, poesias, músicas, dramatização, além das visitas a museus, espaços de cultura popular, escola com experiências inovadoras, ao festival de cinema, participação em eventos acadêmicos, privilegiando, também, outros espaços de formação, uma vez que se compreende que a escola e a sala de aula se constituem espaços significativos de aprendizagens; entretanto, não podem ser, ou não deveriam ser os únicos, tendo em vista que a apropriação e elaboração de processos educativos são enriquecidos por meio da vivência da realidade.

Uma das atividades realizadas foi a confecção de dezessete livros artesanais voltados ao público infantil. O intuito dessa atividade envolveu a ideia de uma compreensão de que existem possibilidades de criação no universo educativo que podem ser potencializadas por meio das relações desenvolvidas nos processos educativos que permeiam o universo da escola e suas adjacências. Além de que, o acesso à cultura literária se torna limitado no contexto das classes populares; entretanto, existe a necessidade de sua materialidade no âmbito das atividades educativas. Nessa perspectiva, esta criação amplia a disponibilidade junto àqueles que não teriam tal acesso de outra maneira.

Entende-se que a problemática apresenta limitações; diante de sua análise se encontra também um universo de possibilidades, tendo a educação propósitos, ou seja, abrir as portas da compreensão da realidade para transformá-la, no sentido de atender melhor às necessidades humanas. Inclusive, reflexão dos envolvidos nas atividades culturais frente à compreensão de que ao realizar determinadas atividades educativas se perceberam com capacidades que até então desconheciam. A educação, por meio da cultura, envolve um processo de formação fundamental ao desenvolvimento do sujeito e da sociedade.

Para Vigotski (2014) “a formação de uma personalidade criativa, projetada para o futuro, prepara-se através da imaginação criativa materializada no presente”. Sendo assim, trabalhar as possibilidades de criação nos processos de práxis do projeto contribui para o reconhecimento da consciência da capacidade de criação, inerente à formação cultural humana.

Outra questão em análise se refere à estratégia de instigar a formação de leitores dentro e fora da sala de aula, em eventos voltados à temática, no âmbito do cotidiano escolar e na academia, na perspectiva de incentivar círculos de cultura e círculos de leitura dentro e fora do ambiente escolar, inspirados na proposta de círculos de cultura de Paulo Freire (1987) e nos círculos de leitura de Cosson (2017).

Destacam-se também as atividades desenvolvidas junto a escolas públicas com intuito de apropriação cultural e desenvolvimento de atividades lúdicas envolvendo a formação de leitores/as por meio da expressão vivencial da cultura de contação de história, da música, da poesia e da dramatização, além de instigar a construção de espaços que privilegiam a leitura como motor do desenvolvimento da criatividade e emancipação humana, como cantinho de leitura, sala de leitura, biblioteca viva.

A leitura se configura como uma das formas de apropriação da cultura, essencial para com-

preensão do mundo; entretanto, segundo Freire (1983, p. 22), “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. A leitura da compreensão do mundo antecede a apropriação da leitura da palavra, sendo que se relacionam entre si.

A apropriação da linguagem, de forma reflexiva, problematizadora no desenvolvimento humano, no mundo. Para Freire (1987, p. 77), “não há palavra verdadeira que não seja práxis”. Dizer a palavra é pronunciar a realidade existente no mundo, é práxis, ação e reflexão, com intuito de transformação.

Para Vigotski (1998, p. 190), “as palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo”. A formação histórica da linguagem afeta as relações humanas em seu desenvolvimento cultural a ponto de ser imprescindível na forma como a humanidade se desenvolveu até o momento atual. Porém, a consciência depende do pensamento reflexivo, de compreensão da constituição historicamente construída da história humana.

A partir da vivência na realidade através da práxis, realidades foram construídas por meio da educação popular que de acordo com Melo Neto e Cananéa (2017, p. 176), “[...] deve romper com a educação que se preocupa apenas com conteúdos científicos sem buscar relacionar e vincular a realidade aos conhecimentos científicos e práticas de vida”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intencionalidade desta pesquisa foi buscar compreender os processos educativos promovidos através da extensão universitária, objetivando elucidar pistas na proposição de uma educação transformadora e emancipatória.

A partir da análise do processo de realização desse movimento, envolvendo a extensão universitária (ensino e pesquisa), pode-se compreender que a práxis educativa no contexto da realidade contemporânea exige uma investigação acerca das raízes em que se produzem as questões e problemáticas do contexto da Educação, sejam elas, intrínsecas ou externas ao âmbito da instituição de ensino formal. Para tanto, consideram-se dois aspectos presentes na realidade em estudo: limitações e potencialidades. Quanto ao primeiro, verifica-se que a naturalização da forma de organização curricular, dos conteúdos, da metodologia, da avaliação, com as exigências do cumprimento de atividades institucionais, pode ser uma limitação para se pensar outras possibilidades de proporcionar saberes.

Quanto às potencialidades, percebe-se que a Educação envolve uma complexidade que não pode ser analisada de forma propositiva, a partir de análises rápidas, de quem não estuda a Educação, requerendo um estudo profundo da constituição histórica e social do tema em análise. Sendo assim, o debate quanto à extensão universitária se torna importante como um dos pilares de sustentação da instituição tanto para o acesso à cultura daqueles que estão em formação acadêmica, como da sociedade que precisa ter o acesso a saberes, através de um trabalho que sirva em termos sociais, tecnológicos, educativos, culturais, subjetivos, afetivos que sejam significativos para democratizar os saberes e para aprimorar a existência da humanidade.

Os resultados e discussões aqui apresentados servem de base para outros aprofundamentos posteriores. Compreende-se que as relações educativas presentes nos processos de extensão para pensar a Educação envolvem questões complexas, de difícil solução, exigindo processos profundos de transformações urgentes, que demandam tempo de reflexão, de atividade de transformação e pensamento referente às proposições realizadas. A educação envolve o cognitivo, no entanto, não se limita a esse fenômeno, sendo afetos e emoções também preponderantes no desenvolvimento



da aprendizagem da sabedoria cultural, fundamental, na constituição das subjetividades humanas. Disponibilizar os artefatos culturais, seja da cultura material ou não material, cria possibilidades de apropriação e criação de bens culturais, fundamentais ao desenvolvimento humano, numa perspectiva de democratização dos saberes produzidos pela humanidade, partindo da realidade e ampliando o universo cultural dos envolvidos em processos e fazeres educativos, como ocorre através da Extensão. Esse processo ocorre por meio de relações com o outro, exige diálogo e convivência com o outro; retoma-se a ideia de que a apropriação cultural, articulada à práxis colabora com o processo de formação do sujeito.

Dessa forma, uma educação que crie possibilidades de acesso aos saberes culturais e à invenção está na base da constituição humana, na transformação de formas injustas de distribuição dos saberes para uma elevação da existência equitativa e emancipatória.

## REFERÊNCIAS

- Cosson, R. (2017). *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto.
- Freire, P. (1983) *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores associados, Cortez.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra.
- Melo Neto, J. F. (2012). *Universidade Popular*. João Pessoa: Editora universitária da UFPB.
- Melo Neto, J.F. e Cananéa, F.A.A. L. C. (2017). Apresentando o marco de referência de educação popular para políticas públicas: caminhos para a institucionalização da Educação Popular. In. Melo Neto, J. F. e Cruz, P. J.S. C. (2017). *Extensão Popular, educação e pesquisa*. João Pessoa: CCTA/UFPB.
- Pinto, Á. V. (2010). *Sete lições sobre Educação de adultos*. São Paulo: Cortez.
- Saviani, Dermeval. (2017). Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 653-662. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920170213000>.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Silva, N. B. (2016). *Educação Popular e subjetividade: vivência em feira agroecológica de bases na economia solidária popular*. João Pessoa: editora CCTA/UFPB.
- Vigotski, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2014). *Imaginação e Criatividade na infância*. São Paulo: Martins Fontes.

